

Verdade: alimento da mente

Sandra Bulhões Cecilio¹, Uberaba

Resumo: Este trabalho é um convite a irmos pensando a verdade como alimento mental, observando que ela, muitas vezes, se estabelece como absoluta criando campos de preconceitos. O artigo faz então um convite a que as verdades possam seguir a direção dos sonhos, pois estes abrem portas para novas verdades, sempre relativas, capazes de incluir diversidades e ampliar o campo da esperança. Nessa trajetória são empregados recursos de vivências cotidianas e vivências da clínica psicanalítica apoiadas pelo vetor científico da matemática.

PALAVRAS CHAVES: Verdade, diversidade, sonhos, matemática

“A esperança está no insaciável e inesgotável apetite mental pelo alimento da verdade para nutrir nossas mentes” (Elena Tomasel, 2014, p. 2).

“O ser humano, em outras palavras, é, na verdade, um indivíduo perseguidor da verdade e/ou evitador da verdade, e a psicopatologia (sintomas) reflete uma predisposição ao último, enquanto o estado saudável reflete o primeiro” (Grotstein, 2010, p. 63).

Pensando verdades

Verdade 1. Verdades Infantis

1 Matemática, psicanalista, membro efetivo da SBPMG e editora da RMP.

Sandra Bulhões Cecilio

Liliane me conta como seu coração e o de seu irmão disparavam enquanto andavam pelas ruas de sua cidade esperando pela chegada do Papai Noel, trazendo seus pedidos de Natal colocados numa carta em que diziam que boas crianças eles eram. Outras vezes ela me conta por quanto tempo continuou andando pelas ruas do mundo esperando seu príncipe encantado chegar num lindo cavalo e ser feliz para sempre.

Ampliando verdades infantis

Nos tempos atuais é verdade que, apesar de Liliane saber de todas as profundas dores e injustiças sentidas ao ir percebendo que não existe Papai Noel, e apesar das profundas tristezas e decepções com cada sapo que ela beijou, esperando que virasse seu príncipe, toda noite ela lê histórias infantis para seus filhos e os faz sonhar com Papai Noel, suas renas e o saco de presentes que ele carrega. A verdade atual de seu irmão é outra. Ele odeia o Natal por toda injustiça e desperdício que significa; mantém uma arma a mão para se defender do medo que sente dos monstros humanos, proíbe seus filhos de lerem historinhas de princesas e diz garantir que fará deles homens de bem.

Estas são verdades e decepções que deixam registros na história de cada um dos homens.

Verdade 2. Verdades do mundo adulto atual

Brenton Tarrant, de 28 anos, é preparador físico e mora na área rural da Austrália e em seu manifesto intitulado *A Grande Substituição* ele fala sobre seu desespero frente ao iminente desaparecimento dos europeus, sendo substituídos por imigrantes muçulmanos. Essa foi a verdade absoluta apontada por Tarrant para, de posse de cinco armas entre automáticas e fuzis, matar 49 muçulmanos em duas mesquitas na sexta-feira, 15 de março de 2019, na Nova Zelândia. Tarrant mostrou seu ato ao vivo pelas redes sociais. Sua verdade se alicerça numa tese que virou livro do escritor francês Renaud Camus. Na *dark web*, grupo de apoiadores comemoram massacres como esse e têm como verdade para si que homens como Tarrant, os meninos de Suzano no Brasil e outros como estes são homens de bem sendo seus atos batizados como “*actum santum*” (ato santo).

Ampliando verdades atuais

Verdade: alimento da mente

Abdul Aziz, um refugiado afegão, de 48 anos, afugentou Tarrant com a primeira coisa que conseguiu encontrar, uma máquina de cartão de crédito. Ele acreditou que a máquina de cartão de crédito poderia enfrentar as armas das quais ele viu saírem tiros e matar pessoas. Abdul saiu correndo atrás do atirador, gritando: "Venha aqui!". Dizem que a verdade de Abdul pôde evitar que o número de vítimas naquele dia fosse muito maior. Ela contribuiu para parar os fuzis de Tarrant.

Essas são verdades representativas de experiências de horror e solidariedade vividas pelos homens em 2019.

Verdade 3. Verdades matemáticas

Verdades matemáticas costumam ser vistas como absolutas ou, no mínimo, como um referencial científico extremamente confiável. Elas não carregam o desconforto do medo, do horror, enfim, das emoções e talvez possam então nos ajudar a pensar verdades.

- Zero dividido por qualquer número tem como resultado o próprio zero: $0 \div 2 = 0$

Hoje eu trouxe zero celulares para dar a uma pessoa especial; ontem eu tinha zero balas para entregar às três primeiras pessoas que me sorriram; amanhã poderei dar zero cervejas aos meus melhores dez amigos. Ou seja: $0/1 = 0$ $0/3 = 0$ $0/10 = 0$. Ontem, hoje ou amanhã, se alguém possui zero celulares, balas ou cervejas para dividir com uma pessoa, com três amigos, com dez, ou com a humanidade toda, cada uma dessas pessoas receberá zero balas, cervejas ou celulares. Essa é uma verdade matemática: zero dividido por qualquer número resulta zero.

- É impossível a divisão por zero. Zero no denominador não existe dentre as possibilidades dos números reais da matemática: $2/0 = \text{E}$.

Não existe na matemática, dentro do conjunto dos números reais, denominador zero. Fazer uma divisão por zero seria pensar em dividir algo com “ninguém”. Assim, se eu trazer uma televisão, 3 cervejas ou 10 balas para dividir com ninguém pode-se dizer que cada um receberá 5 televisores, 1000 balas e uma caixa de cerveja, pois, “ninguém” reclamaria. Verdades assim não cabem no pensamento matemático. Logo, a matemática do conjunto dos números reais não admite denominador zero. Não existe divisão por zero.

Ampliando o campo matemático: formas de indeterminação

Partindo dessas duas verdades, surgiu a possibilidade de se pensar em zero dividido por zero, ou seja, na forma $0/0$. Neste caso valeria a verdade 1 onde zero dividido por qualquer número resulta zero, ou a verdade dois que diz que zero no denominador não existe ou tende a infinito? A complexidade desse questionamento levou a desafios que permitiram a criação de recursos, de ferramentas mais complexas para se lidar com o questionamento entre verdades. Cada uma delas deixou de ser verdade absoluta, mantiveram-se verdades, mas se transformaram em verdades relativas (Princípio da Complexidade).

Na matemática, denominaram-se esses casos, onde verdades diferentes se opõem de “formas de indeterminação”. Assim, $0/0$ é uma das formas de indeterminação. O resultado do encontro de duas verdades que se opõem se chama indeterminado. A validade das regras fica indeterminada. Sábia denominação (Princípio da Incerteza).

Só examinando particularmente cada caso, cada situação, pode-se chegar a um resultado. Percebeu-se assim que $0/0$ podia resultar zero, 3, ∞ , $-\alpha$ ou qualquer outro número, dependendo da situação analisada (Princípio da Singularidade).

Pensando situações em que o instrumental matemático não tinha recursos, como a divisão por zero, resolveu-se estudar o que ocorre quando se aproxima muito de pertinho do zero do denominador, quando se avizinha deste zero, quando se tende a zero. Passou-se a pensar o que ocorre quando se divide um número por outro muito pequenininho, que se aproximasse de zero, que tendesse a zero ($1/0,000001 = 1000000$). Verificou-se que o resultado desta divisão tende a um número muito grande, podendo-se dizer que tende ao infinito. Surgiu da aproximação do que não existia a ideia de tendência ao infinito e criou-se um novo conceito matemático: o conceito de Limite. Do impossível a matemática criou o conceito de limite e deste passou a conversar com o infinito.

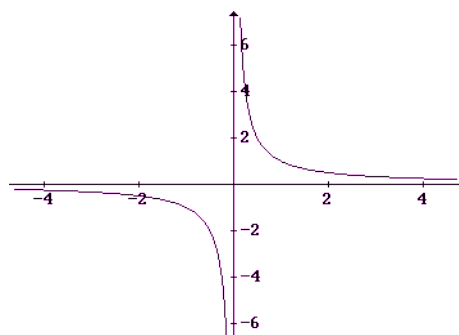
Para conversar nesse nível de complexidade, o objeto matemático deixa de ser os números reais e passa a ser o conceito de função onde uma variável independente x varia em função de outra variável dependente y . Vejamos:

Verdade: alimento da mente

Seja a função $y = f(x) = 1/x$ sendo $x \neq 0$

$$\lim_{x \rightarrow 0} 1/x = \pm \alpha$$

$$\lim_{x \rightarrow \pm \alpha} 1/x = 0$$



Do impossível ao indeterminado a matemática abriu o campo para lidar com operações complexas criando novas ferramentas para pensar o indeterminado. Muda o objeto matemática da variável x para a relação entre variáveis, chamando de função a relação em que se definem responsabilidades: uma variável é independente(x) e a outra variável é dependente (y). Surge o conceito de limite que possibilita a criação de novas ferramentas: derivada, diferencial e integral. A matemática da complexidade cria o campo das verdades do Cálculo Diferencial e Integral, chamado inicialmente de Cálculo Infinitesimal

Verdade 4. Verdades da clínica psicanalítica

Cícero sofre muito, pois sente dores e afirma que há algo muito errado com seu corpo. Ele faz continuamente exames rotineiros que indicam que sua saúde vai bem, mas sente-se incapaz de fazer qualquer exame mais invasivo, pois diz ter certeza de que tais exames trarão a verdade sobre ele mesmo: há algo muito ruim em estado avançado dentro de si.

Aline tem doze anos e a verdade pela qual sofre hoje é a dor que vai causar ao seu avô, quando contar a ele que gosta de meninas. Esta é a sua verdade: ela gosta de ficar com meninas, gosta de contar e ouvir segredos de sua amiga, de andar de mãos dadas com a amiga e seu avô vai sofrer muito ao saber que ela gosta de meninas. Enquanto isso, Aline chegou a cortar sua pele pois, segundo ela, se sente falsa como se tivesse duas caras.

Walter, certo dia, se confunde no horário da sessão e deixa bilhete bastante agressivo indicando que a culpa de seus males era da analista; outro dia ele chega ao consultório para atendimento e mostra uma faca real dentro da mochila que trazia. É verdade que cenas assim

Sandra Bulhões Cecilio

não nos afastaram, pelo contrário, nos fortaleceram, sendo que ele chegou até mesmo a escrever bilhetinhos bastante gentis para sua analista. Certo dia, no entanto, Walter resolveu falar de seus desejos pela neta de sua esposa que tem cinco anos e falar destes desejos foi o limite da relação terapêutica. A análise foi interrompida, pois essa violência não pôde ser suportada pela analista.

Freud (1915e) concebia o inconsciente como um ‘caldeirão fervente’ devido a constantes erupções das pulsões instituais que ele propunha, principalmente a pulsão libidinal, ao que Klein (1935) acrescentou a importância primária da pulsão de morte.” (Grotstein, 2010, p. 143).

A força libidinal em Freud, assim como a importância da pulsão de morte proposta por Klein são verdades estruturantes do psiquismo, assim como são as regras matemáticas de zero dividido por um número ou um número dividido por zero. Pulsão de vida e pulsão de morte, como o conflito entre essas instâncias são conceitos essenciais para leituras do mundo interno, da forma como são as regras matemáticas citadas para a operação de divisão.

Podemos olhar Cícero, Aline e Walter movidos por forças libidinais as quais permitem a Aline acordar para uma nova sexualidade; leva Cícero a fazer exames suficientes para se manter com boa ação vital; mostram a força de vida em Walter que nos mantém vinculados mesmo sentindo que o perigo real mora tão perto da gente. Podemos também olhar cada um desses casos pelo viés do instinto de morte. Cícero se sente com algo muito destrutivo dentro de si, Aline mata a criança que ainda vive dentro dela, os desejos de Walter não digeridos por mim matam nosso trabalho analítico.

A cisão provocada por essa visão binária do mundo interno leva à intolerância, pois o mundo fica cindido entre morte/vida, bom/mau, amor/ódio, certo/errado o que gera um código moral binário justo/injusto. O conflito se estabelece de forma cruel, pois civilizatoriamente queremos escolher a vida e o amor, mas sentimentos destrutivos nos acompanham e a morte é a única certeza da vida.

Pela teoria das pulsões, aspectos conflitivos do mundo instintual devem ser domesticados, civilizados, sendo que aspectos reprimidos constitutivos do inconsciente deviam ser trazidos à consciência: onde era id faça-se ego. O ego deve negociar entre instintos reprimidos (id) e regras internas (superego). Segue-se a essa visão de mente a ética do dever moral, da regra sobre o que deve ser feito. Tal visão acorda nosso mundo da culpa. Provavelmente o que Cícero sente no corpo é o que muitos, ou a maioria de nós, sente na alma: algo de muito ruim vive dentro de nós; carregamos uma culpa como companheira sem saber

Verdade: alimento da mente

quando lhe demos carona em nossa vida. Culpa pelo que comemos, culpa pelo que dizemos, culpa por sentir culpa. Culpa pela certeza da verdade de que não nos sentimos suficientemente amados. O conflito faz cada um de nós se sentir falso, como Aline, pois escolhemos o caminho do bem, mas muitas vezes vivemos o mundo do medo. Walter fala de desejo proibido e parece não sentir culpa. De fato, incapaz de sentir a culpa ele, como tantos outros, a coloca no outro. Joga-se a bomba na mão do outro: A culpa é do outro. O outro carrega a culpa com a qual nos é insuportável lidar. Talvez ajudasse a Aline, Cícero, Walter e a cada um de nós, sentir que não somos falsos ou culpados: somos seres em eterna aprendizagem e crescimento, seres em expansão.

Ampliando verdades psicanalíticas

“... a crença de Bion de que a psique requer verdade, da mesma forma que o soma requer alimento” (Grotstein, 2010, p. 295).

“Para Bion o inconsciente constituía um caldeirão fervente porque era a sede essencial da incerteza infinita, inefável que ele designava como *O*, seu sinal arbitrário, não saturado para a verdade Absoluta sobre a Realidade Última” (Grotstein, 2010, p.143).

Bion (1965), ao definir o psiquismo como movido pela pulsão de verdade, faz uma enorme extensão ao mundo psicanalítico. Pode-se dizer que muda o paradigma dimensional da Psicanálise, pois ele extrapola o mundo binário, assim como deixa o mundo das pulsões orgânicas (pulsão de vida/pulsão de morte) em direção ao mundo de pulsões mentais (pulsão de verdade).

Ele define o homem como movido pela busca da verdade, mas afirma que a verdade absoluta, a verdade última, que ele chama de *O*, é algo inatingível. Busca-se a verdade mas ela em si, a coisa em si (o númeno de Kant- o que realmente a coisa é) é inacessível, é incognoscível. Essa aparente ambiguidade é uma característica da complexidade em *O*. Não se atinge *O* e ele agrega pontos paradoxalmente opostos. Podemos então somente tender a *O*, o que significa se aproximar da verdade, se avizinhar da verdade, tender ao infinito, à deidade, exatamente como vimos acontecer no campo matemático. Na matemática, nesse momento foi construído o conceito de limite. Seria o mesmo que ocorre na condição humana: o limite das minhas verdades precisa respeitar as verdades do outro.

Sandra Bulhões Cecilio

Se a verdade absoluta é inatingível, podemos apenas ir entrando no domínio do conhecido, ir conhecendo partes de *O* mediante o vínculo *K*, o vínculo do conhecimento. Por meio de *K*, vamos tomando posse de verdades relativas. No entanto, para Bion (1970) o vínculo do conhecimento (*K*) se constrói juntamente com os vínculos de amor (*L*) e ódio (*H*), pois o homem se conhece pela emoção. A pessoa conhece o objeto, não pela forma como ele é, mas a forma como se sente em relação a ele. Conhecemos e/ou reconhecemos o outro ou a situação pelo que sentimos: podemos estar mais próximos do vínculo da raiva ou do vínculo da compaixão.

A verdade absoluta, impessoal e infinita, sobre a realidade última, se inicialmente tolerada e aceita como incognoscível, vai sendo transformada primeiro em verdade pessoal (*K* com vínculo em *L/H*) e só depois em verdade objetiva. Vai tornando-se verdade pessoal como algo que tende, que abre uma fresta na verdade absoluta “*O*”. Bion entra assim no campo do indeterminado, como a matemática, definindo o inconsciente como infinito movido não apenas pelo princípio do prazer e princípio da realidade, mas por princípios vários. Entre eles, três: Princípio da Complexidade, Princípio da Incerteza, Princípio da Singularidade.

Cícero, Aline, Walter e cada paciente que passa pelas portas de nossos consultórios nos contam verdades da alma. Verdades muitas vezes tomadas por eles como verdades absolutas, como a certeza de Cícero de que há algo muito destruidor dentro de si. Cícero tem preconceitos sobre tudo e estes se tornaram em preconceitos quanto a si mesmo. Trabalhamos para descristalizar essa verdade absoluta: nada pode ser feito para que Cícero encontre prazer em viver, perceber e integrar mínimas ferramentas de percepção e pequenos espaços de prazer.

Podemos penetrar a beleza do não sabido dentre tantas teorias da pré-adolescente Aline. Ela está no processo de deixar a infância e seguir na direção de ir se tornando mulher. Sair do campo da certeza de uma escolha de gênero sexual para uma construção do ir sendo Aline.

O atendimento de Walter nos permite ver a transformação de minhas próprias verdades relativas: armas concretas não necessariamente são mais poderosas que minha capacidade amorosa de transformar bilhetes de agressão em bilhetes de gratidão, como ocorreu na atitude de Walter. No entanto, seus desejos em áreas assustadoras para a mente não puderam ser transformados sem antes serem digeridos pela analista. A experiência vivida com Walter abriu caminhos para que, no futuro, a analista se apoderasse de armas mentais para atendimentos similares.

A verdade mental do indivíduo humano se constitui pela busca por ser ele mesmo. Ser nós mesmos é um processo que se estrutura nas relações com outros humanos, algo no campo das verdades emocionais que se estabelecem na turbulência emocional suportada pelas funções

Verdade: alimento da mente

mentais estabelecidas na relação com o outro humano. Vamos nos tornando humanos, vamos nos tornando nós mesmos. Entramos no campo da singularidade.

Logo a psicanálise em Bion (2016), em vez de produzir certezas sobre o ser, surge como uma espécie de prática da dúvida, como um trabalho investigativo aberto ao infinito. Trata-se da ética da investigação, segundo a qual a dúvida sempre pode abrir uma brecha na fortaleza das certezas imaginárias com a qual o narcisismo do eu se defende. O que se pode esperar de um trabalho analítico é sermos companheiros no tolerar o não saber, tolerar e transformar as verdades pessoais antes intoleráveis e ser capazes de sonhar o novo que pode se abrir para o infinito. Que ao final do percurso nos tornemos, tanto paciente como analisando, um pouco mais íntimos do estranho que existe em nós, nos tornemos um pouco mais nós mesmos.

Como Bion valoriza a vastidão e os recursos infinitos do inconsciente, abre-se a expectativa humana de algo a ser gerado, com a fé no humano de que o novo se gera. Fé que se sustenta num conceito de inconsciente sem fronteiras, infinito. Seguindo o caminho de sonhar o novo e narrar o construído. O novo precisa ser sonhado. A verdade da qual nos apossamos precisa ser compartilhada pela narrativa.

“Bion enfatizando a fome de verdade do sujeito, postula que o sonhar escolta a verdade disfarçada. Portanto, a Verdade Absoluta original torna-se alterada pelo trabalho do sonho, mas o núcleo da Verdade resistirá e persistirá como uma invariante através de todas as suas transformações no ciclo transformacional, ainda que encerrada dentro de falsificações (ficções) até ser interpretada...O ato de sonhar sugere fortemente que o ser humano deve nascer com uma propensão a narrar histórias, buscar histórias e responder a histórias que emana do vértice estético” (Grotstein, 2010, p. 277).

Desintegrando verdades absolutas, integrando a diversidade das infinitas verdades

Voltemos a Tarrant, o atirador da mesquita, aos meninos de Suzano, à turma da *dark internet*. Eles são, na verdade, monstros! Ufa! Que alívio! Como tal podemos enjaulá-los ou exterminá-los. Passaremos a ter zero monstros. No mínimo, tenderemos a zero monstros.

Parece, no entanto, que os monstros andam proliferando. Vamos identificando-os em muitos lugares, usando outros nomes: loucos, doentes mentais, políticos, políticos corruptos,

Sandra Bulhões Cecilio

alguém que tem uma ideologia X, o vizinho que vota num partido diferente do meu, a pessoa que dorme na mesma cama que eu, o estranho que mora em mim. Surge a regra dois: é impossível dividir esse mundo com tantos “desumanos”.

É confortável a verdade de que o mal vem de um monstro, pois a ideia de que o mal possa ser praticado de modo banal por um ser humano, tão especial ou tão insignificante como cada um de nós perturba a mente. Humanizar Hitler o afasta do lugar designado aos monstros, dos não humanos. Fica cada vez mais próxima a ideia de que carregamos em nós não só culpa, mas também, monstros em ebulição.

Na Psicanálise, pelas ideias de Bion, as pessoas deixam de ser cindidas entre normais/patológicos, neuróticos/psicóticos. Passamos todos a ser habitados por núcleos psicóticos e neuróticos. Surge a indeterminação de quem somos.

“Certamente que era uma ousadia de Bion afirmar que no complexo nuclear da neurose havia um núcleo psicótico ativo com o qual acordos são feitos constantemente, gerando uma configuração que ele descreveu como sendo entre arrogância, estupidez e curiosidade” (Chuster, 2014, p. 35).

Abdul Aziz acreditou na máquina de cartão de crédito que estava em sua mão, acreditou na ação de que podia parar os fuzis de Tarrant. Ele me inspira, lembra a admiração pelo humano que mora em mim, me faz ter fé nos infinitos recursos inconscientes existentes em cada um de nós, me faz sonhar que podemos diminuir a monstruosidade, me faz amar mais os homens. Ele recupera minha capacidade de sonhar com a beleza humana, com a solidariedade, me mostra que na complexidade do humano mora a indeterminação e a coragem de cada um ser ele mesmo com seus próprios recursos.

A única saída da ética trágica é criar o novo, sonhar. Precisamos sonhar o novo, criar. Bion acreditou no armazém infinito de possibilidades, que habita o inconsciente de todos nós. Sonhar abre as portas de nosso armazém onde dormem novas verdades esperando serem acordadas por um beijo de amor.

Voltemos a Liliane e seu irmão. As marcas da dor e da decepção fizeram o irmão de Liliane portar armas reais e acreditar ser dono de certezas absolutas em lugar de portar livros que carregam sonhos. Quanto à Liliane, talvez tenha sido atingida por inspirações como a do jornal americano *The Sun*. Este jornal publicou o editorial mais reproduzido da língua inglesa de todos os tempos, o do editorialista Francis Church,

Verdade: alimento da mente

publicado em 1897. Ele reproduz a pergunta de Virginia O’Hanlon Douglas, uma criança de 8 anos, filha de um médico de Nova York, ao jornal:

“Virginia: Uns amiguinhos meus dizem que Papai Noel não existe. Papai diz que “Se está no Sun é verdade”. Então, por favor, conte-me a verdade: “Papai Noel existe?”

Editorial: Virginia, seus amiguinhos estão errados. Foram contaminados pelo ceticismo de uma época cética. Só acreditam no que veem...

Todas as mentes, Virgínia, de adultos ou de crianças, são estreitas. Nesse nosso enorme universo, o intelecto do homem é como o de uma formiga, tanto comparado ao mundo enorme e infinito que está acima dele, quanto diante da inteligência capaz de alcançar toda a verdade e conhecimento.

Sim, Virgínia, Papai Noel existe. Ele existe tão certamente quanto a generosidade, o amor e a devoção – e você sabe que há tudo isso em abundância, dando à vida as mais elevadas alegrias e belezas.

Não acreditar em Papai Noel! Seria o mesmo que não acreditar em fadas. Só a fé, a fantasia, a poesia, o amor, a ventura, podem abrir essa cortina, observar e descrever toda a beleza e a glória celestiais.

Ah, como seria triste o mundo se não houvesse Papai Noel. Seria tão triste quanto se não houvessem as Virgínias.

Não haveria, então, a fé infantil, a poesia e o espírito de aventura que torna a existência tolerável. Não teríamos prazer além dos sentidos. A luz eterna com a qual a infância inunda o mundo estaria extinta.

Daqui a mil anos, Virgínia – não, dez vezes mil anos, ele continuará a fazer feliz o coração da infância”.

Integrando verdades infantis relativas com verdades matemáticas e suas ferramentas complexas este texto vai buscando construir uma Psicanálise que acredita na verdade como alimento da mente, percebendo preconceitos como petrificações de verdades absolutas, enquanto vai percebendo que o crescimento mental consistiria em somatório de sonhos. Podemos, nessas integrações, ir sonhando com um mundo construído com a arte da beleza solidária.

Sandra Bulhões Cecilio

Referências

- Andrade, CD. (1956) *50 Poemas Escolhidos Pelo Autor*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura.
- Blaya Luz, A. e Paim Filho, I. (2018) Carta –convite XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(1), 17-18.
- Bion, W. R. (1965). *Transformações: do aprendizado ao crescimento*. Trad. P. Sandler. Rio de Janeiro, Imago, 2004. (originalmente publicado em 1965).
- Bion, W. R. (1970). *Atenção e Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- Bion, W. R. (2016). *Domesticando Pensamentos Selvagens/* Editado por Francesca Bion; tradução de Luiz Carlos U. J. Filho- São Paulo, Blucher.
- Chuster, Arnaldo e outros. (2010). *Bion: A obra Complexa*. Porto Alegre, Editora Sulina.
- Freud, S. (1919). O estranho. In *S. Freud. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.*, Vol. 17, pp 273-314 Rio de Janeiro, Imago (1969).
- Grotstein, James. (2010). *Um fecho de intensa escuridão: O legado de Wilfred Bion à Psicanálise*. Tradução: Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre, Artmed.
- Junqueira & Braga (2009). Consciência Moral Primitiva: um vislumbre da mente primordial. Trabalho apresentado no Encontro Internacional de Bion 2009, em Boston. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 43 (3).
- Shaun, Usher. (2014). *Cartas Extraordinárias*. São Paulo, Companhia das Letras.

Sandra Bulhões Cecilio

sandrabulhoes@yahoo.com.br